COLECIONISMO E COLECIONADORES, UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA ARTE NA 2ªMETADE DO SÉC. XX

Manuela Hargreaves

Apresentação proferida no âmbito da Conferência sobre
"Colecionismo e Mercados de Arte",
na Fundação Cupertino de Miranda - 8 de Novembro de 2014

COLECIONISMO E COLECIONADORES, UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA ARTE NA 2ªMETADE DO SÉC. XX

Manuela Hargreaves

Esta reflexão parte de um olhar particular sobre a história da arte, olhar esse que é visto através das coleções e dos colecionadores. Assim sendo (**imagem 2)** uma boa coleção pode ser quase uma obra de Arte, e o processo criativo de a realizar, liga de forma indelével o artista e o colecionador. Todas as coleções são diferentes, pois derivam da pessoa que a faz, que passa a ser autor e a coleção marca da sua individualidade.

Para os verdadeiros colecionadores, as coisas que coleciona têm um significado especial e são de facto uma força cativante e poderosa. Qualquer que seja o objecto colecionado, mapas antigos, armaduras militares, quadros, moedas ou a colecção de papel fiduciário que pela mão do Dr Alberto Correia de Almeida, deu origem ao Museu de Papel Moeda, desta Fundação, ele é de significado particular para o colecionador, geralmente associado a uma catalogação do mesmo – o período, a região, o autor, o anterior proprietário, e todos estes elementos acrescentam ao objecto em si a magia que ele transporta.

Óbviamente também, a coleção tende a reflectir certos aspetos da personalidade do colecionador, o seu gosto, a sua sofisticação ou ingenuidade, a sua independência de escolha ou a confiança no julgamento dos outros. A coleção reflecte um modelo do mundo feito à medida de quem a realiza, poderá até ser uma forma de o corrigir, de estabelecer uma nova ordem, de perpetuar uma vida, ou de dar um sentido ao tempo.

O ato de colecionar torna-se assim um propósito, um objectivo, uma razão de vida, um motivo maior que serve também para aperfeiçoar aquele que a iniciou. Este caracter apaixonante do processo criativo que está ligado ao colecionismo, é relatado por vários colecionadores, que associam ao ato de investigar e pesquisar esse tom poético e até romântico , contribuindo para o seu prazer e felicidade. Frequentemente o próprio processo de aquisição constitui uma fonte de grande entusiasmo, e a conquista do objecto desejado pode adquirir contornos de obsessão, sendo este indubitávelmente o grande trunfo dos leilões .

O mundo da arte não existe sem artistas, mas também podemos perguntar-nos o que aconteceria a este mundo se não existissem colecionadores? Sem colecionadores toda a ecologia da arte tal como a conhecemos falhava. São eles os grandes consumidores que mantêm todo o sistema a funcionar.

Uma grande parte dos museus de todo o mundo começaram por ser coleções privadas (**imagem 3**): a coleção de Solomon Guggenheim nos anos 30 , anos mais tarde continuada pela sobrinha Peggy Guggenheim, ela também protagonista do mundo artístico através duma galeria em Nova Iorque, chamada Art of This century, acolheu os grandes artistas do expressionismo abstrato americano, e do surrealismo, - chegando a

ser durante um breve período casada com um dos surrealistas maiores, Max Ernst,- esta grande coleção deu origem aos museus Guggenheim, que são hoje uma comunidade internacional de museus cultural e arquitetónicamente distinta.

O grande colecionador e galerista suíço Ernst Beyeler,(**imagem 4**) um dos fundadores daquela que veio a ser a feira mais prestigiada do mundo, a *Art Basel*, deu origem à fundação Beyeler na Suiça. Sobre ele falava-me em entrevista o galerista e colecionador Manuel de Brito em 2005, pois realizou alguns negócios com ele para a sua coleção, com grande admiração, impressionado pelo seu ar informal, e dizendo com grande apreço, que "ele andava de calças de cotim azul e sem gravata", e "para além do investimento, o mais importante era a paixão pela arte".

O alemão Peter Ludwig nos anos 60, **(imagem 5)** criou o museu Ludwig em Colónia, foi um dos responsáveis pela popularização de artistas americanos da *Pop Art* na Europa, e também contribuiu para a difusão do neo expressionismo alemão. A sua colecção é de cerca de 20.000 peças que hoje estão distribuídas por este museu, e em mais de 10 paises em todo o mundo, e inclui para além da *Pop Art* e do Neo expressionismo alemão, a maioria dos movimentos estéticos que marcaram o séc XX, igualmente promovidos por Ludwig, assim como de outros contextos geopolíticos como a Rússia, a Coreia do sul, ou a Grécia. Nos anos 70 chegava a comprar uma obra por dia e os seus trabalhos eram emprestados para museus na Alemanha, em muitos casos transformando-se depois em doações.

O italiano Giuseppe Panza e a sua mulher, criaram uma enorme coleção de arte, iniciada em 1956, dedicada à pintura americana e europeia do pós guerra , foram também os 1ºs patronos da *Pop Art*, compraram os 1ºs " Combine Paintings" de Rauschenberg, e já mais para a frente, no final dos anos 60 viraram a sua atenção para o Minimalismo e Conceptualismo. Aos poucos a sua coleção foi distribuída por diversos museus com aquisições e doações, e algumas peças de arte minimalista e pós minimalista incorporam a actual coleção do Guggenheim de Bilbao, estando ainda parte importante da colecção, (10% com cerca de 2500 peças exposta) exposta na sua villa Varese perto de Milão.

É também pelo efeito de uma herança inesperada da riquíssima coleção e património de Calouste Gulbenkian, **(imagem 6)** cidadão britânico de origem arménia, instalado em Lisboa em 42 para se proteger dos perigos da guerra, e que aqui faleceu 13 anos mais tarde, herança que traduz o agradecimento ao país que o acolheu, e cuja Fundação vai mudar o destino da vida cultural e artística de Portugal a partir de meados do sec XX.

E mais recentemente Charles Saatchii, devolveu a Londres o brilho de uma grande metrópole artística.

O que eu quero dizer com estes exemplos, é que o colecionador tem um papel ***major***, não só no consumo digamos assim, utilizando um termo de mercado, na criação de estruturas de sustentação, (museus, fundações, centros de arte) mas também no próprio desenvolvimento da trama da história da arte. A paixão pelo objeto colecionado, parte integrante do perfil do colecionador, pressupõe e de forma muito estreita, a ligação com

o artista. É conhecida a relação que une o artista ao colecionador, são uma espécie de *compagnons de route* muito particulares, sendo os colecionadores acolhidos pelos artistas no seu seio, acabando muitas vezes por ser parte integrante da vida dos artistas e da própria história da arte.

Se recuarmos ao Renascimento, época em que os maiores artistas se tornam por assim dizer vedetas do seu tempo, deixando de ser considerados unicamente trabalhadores manuais, mas reconhecendo-lhes também um talento de ordem intelectual e espiritual, criam-se laços de amizade e de protecção entre os grandes senhores, quer da nobreza, quer da Igreja e os artistas. Entre a família Médicis e Boticelli em Florença, em Roma, entre Miguel Angelo e o Papa Clemente VII, entre o insano Caravaggio e o cardeal Del Monte, que o sustentava e era seu fervoroso admirador.

A criação destes laços (colecionador- artista), vai-se repetindo ao longo da história da arte, e intensifica-se em épocas de maior explosão criativa. A amizade que se cria entre Aimee e Marguerite Maeght que criaram a fundação Maeght, com Giacometti, **(imagem 7)** entre outros artistas do seu tempo como Braque, Chagall ou Miró, dá origem á criação da maior colecção de obras de Giacometti em todo o mundo.

Assim no decorrer do sec XX, é importantíssima a acção dos colecionadores no desenvolvimento artístico. Tendo já dado alguns exemplos acima, poderia acrescentar muitos mais, mas o que importa reter é que, é fator essencial que alguém (estou neste caso a falar no plural) se apaixone o suficiente para comprar, cuidar, e dar continuidade, de outra forma a arte seria esquecida e desaparecia.

E qual a situação em relação a Portugal?

A nossa tradição de colecionismo englobava até à década de 50, na sua maior parte , pratas, jóias, mobiliário, louças da Companhia das Indias, e outros objectos de arte antiga. A pintura e a escultura integravam estas coleções frequentemente de forma dispersa, na maioria dos casos não constituindo necessariamente o núcleo essencial da coleção.

No entanto existia no Porto uma classe média letrada, que na 1ªmetade do sec XX, já estava a comprar autores de arte moderna, mesmo antes de Lisboa o fazer. Portanto existia uma tradição de pequenas coleções dessa classe média letrada, de autores do modernismo entre os quais Alvarez, António Carneiro e Julio Resende. No caso de Augusto Abreu, também ele do Porto, a coleção terá sido uma coleção internacional de grande dimensão, havendo da parte do Senhor Abreu uma relação privilegiada com alguns artistas que colecionava, nomeadamente com Julio Resende, entre outros.

Agora a partir daí e começando por falar da criação artística, nos anos 60, as obras dos artistas portugueses acompanham quase em simultâneo o que se estava a passar lá fora, (**imagem 8)** muitas vezes fixando residência durante vários anos fora de Portugal, tendo a Gulbenkian um papel importante na concessão de bolsas.

Para Paris, se deslocou Vieira da Silva, e lá se formou o grupo KWY (as únicas letras excluídas do alfabeto português, que significariam " ka wamos yndo") de que faziam parte, René Bertholo, José Escada, Costa Pinheiro, João Vieira, Lourdes de Castro, entre outros, para Londres , no caso de Paula Rego e de João Vieira mais tarde, e para a Alemanha, , Costa Pinheiro. Estávamos em pleno regime ditatorial e havia uma grande vontade de ultrapassar as barreiras que bloqueavam a criação artística e ir mais além.

O incentivo ao colecionismo de arte moderna, fruto de um esforço conjunto de galeristas e de críticos, estava nesta época em Portugal a dar os primeiros passos: **(imagem 9)** em 1966 tinha-se criado o "clube dos cem", um grupo de cem pessoas que por quotas, compravam quadros de arte moderna aos artistas, sorteando-os depois entre si. Manuel de Brito esteve ligado a esses encontros mensais usufruindo a galeria 111 também depois, do valioso espólio de uma centena de potenciais clientes. A crescente actividade dos críticos portugueses, tais como Fernando Pernes, Rui Mário Gonçalves, J.A. França e a sua ação na colaboração com galerias como a Bucholz, Divulgação,111/Zen, Galeria de Março, em defesa das necessidades do mercado, vai contribuir para que haja mais pessoas a investirem em arte moderna

É neste contexto que na década de 60 surge a iniciativa do empresário Jorge de Brito, **(imagem 10)** em investir nos novos artistas portugueses, formando uma coleção que viria a ser uma das maiores coleções privadas portuguesas da 2ªmetade do sec XX. Esta coleção incluía para além do que melhor se fazia na pintura portuguesa, também pintura internacional, o que elevava o preço dos nossos artistas, e dessa coleção internacional faziam parte Robert e Sónia Delaunay, Max Ernst, Dufy, Chagall Paul Klee, Giacometti e Picasso entre outros. Parte destas aquisições foram feitas na Sothebys, na Christies, em galerias londrinas, assim como através da compra da coleção internacional de Augusto Abreu, após este ter decidido vendê-la na década de 60, assustado com o contexto económico e politico da época. Jorge de Brito na realização da coleção, contou também com a ajuda de galeristas portugueses, como Manuel de Brito e Jaime Isidoro, que assim através deste, e doutros colecionadores engrandeceram as suas galerias, realizando contactos fora do pais, impulsionando o mercado, e formando eles próprios grandes coleções.

Grande parte desta coleção (Jorge de Brito) vai ser vendida após o 25 de Abril, vindo a constituir um núcleo fulcral do Centro de Arte moderna da Fundação Gulbenkian, assim como da Fundação Vieira da Silva Arpazd Szenes, já que Jorge de Brito era um dos principais colecionadores de obras da pintora.

Um pouco mais tarde os anos 80, caraterizados pela euforia do mercado de arte, viram crescer o colecionismo, algum de cariz essencialmente especulativo, fruto de oscilações do mercado, e parte dele desapareceu sucumbindo aos períodos de retracção; é no entanto nos anos 80, fruto de uma conjuntura internacional favorável que António Capelo faz parte das aquisições que vão constituir a coleção Berardo, hoje referência absoluta do colecionismo em Portugal; é também nesta altura que se começa a formar a coleção de Serralves que dá origem ao atual museu; nos anos 90 reabre o museu

Cupertino de Miranda enriquecido com as obras da coleção de surrealismo do Engº João Meireles, e nos anos subsequentes a coleção Ellypse (hoje com rumo incerto); a coleção António Cachola dá origem ao Museu de Arte Contemporânea de Elvas, o Centro de Arte Manuel de Brito que alberga a sua coleção, a coleção da Fundação Luso Americana, a do AR.CO (Centro de arte e comunicação visual - Lisboa), mais recentemente a coleção Norlinda e José Lima hoje constituída em Fundação, a coleção dos irmãos Rios deu origem à Fundação Leal Rios, formam-se também várias coleções particulares, como a excelente coleção Artur Jorge (que foi na sua dimensão internacional em grande parte vendida na Christies em Paris em 2010), a coleção de Luis Augusto Teixeira de Freitas, do galerista Mário Teixeira da Silva, Peter Meeker, Ivo Martins, Paulo Pimenta, e a lista podia continuar por aqui fora, estando por fazer o estudo do levantamento do colecionismo em Portugal.

Data desta altura anos 80/90, também o desenvolvimento do nosso colecionismo empresarial e bancário, à semelhança do que se fazia lá fora, reconhecendo-se neste gesto, uma forma de dar imagem de prestigio ao rosto das empresas: assim aconteceu com a Culturgest da Fundação Caixa Geral de Depósitos, a Fundação EDP, a Fundação PLMJ da sociedade de advogados Saaraga Leal Judice e associados, a fundação Ilidio Pinho, o BESarte&Finança, a coleção de desenhos da Madeira, da Madeira Corporate Services, a colecção Millenium BCP e várias outras que tendo iniciado este percurso, pararam devido a momentos de crise económica ou à falência das próprias empresas.

Temos conhecimento das coleções publicas e visíveis e mesmo das que, não sendo publicas os seus proprietários nos quiseram deixar conhecer. Mas todos sabemos que o colecionismo é uma actividade muito particular e intima, que revela mais do ser que a realiza, e por isso nem todas as coleções são conhecidas. Existem aquelas que permanecem no anonimato, constituindo uma chama lenta e ardente dentro da alma do colecionador. Isto porque a partilha, o tornar público, sendo também uma carateristica do perfil do colecionador, nomeadamente do colecionador contemporâneo, aliada ao prestigio que daí advem, não é condição absoluta do colecionismo; até 1939 diz-nos James Stourton, presidente da Sothebys do Reino Unido até 2012, e um estudioso destas matérias, colecionar era um prazer privado, às vezes intelectual e académico que tinha como principal objectivo dar colorido à vida.

Penso que ainda tem, mas cada colecionador é único e particular e cada coleção, uma escolha pessoal e livre de condicionalismos externos, a não ser a própria condição de riqueza que ela pressupõe. Mas mesmo assim existem casos em que coleções se fizeram com pouco, e em que o colecionador gere a coleção com uma economia parcimoniosa, da qual guarda uma porção do seu rendimento para a construir lenta e apaixonadamente.

Existe também o lado inverso, ou seja quando a coleção serve o propósito da partilha publica, formaliza digamos assim uma responsabilidade social e cultural que o colecionador assume , beneficiando do prestígio social adquirido, havendo ainda, alguns colecionadores contemporâneos, fenómeno mais exterior a Portugal, que por efeito de modas e investimentos, gerem a coleção como um portefólio de acções. Mas exceção

feita a este ultimo, ambos os casos são legítimos porque funcionam lá está como disse no inicio, como estruturas de sustentação do mercado absorvendo a produção dos artistas, dando-lhe continuidade, deixam um legado que enriquece aqueles que vão ficar.

Ainda falando sobre a contemporaneidade, o colecionador actual pode comprar no inicio para ter em sua casa, para ver as obras, mas depois a medida que as obras se vão acumulando torna-se necessário armazenar, emprestar, trocar, é uma outra mentalidade. Descolecionar faz na actualidade, também parte da essência da coleção. Um colecionador atual é frequentemente um descolecionador, por necessidade financeira, profissional, porque tem falta de espaço para as suas obras, porque o seu gosto muda. A dificuldade em expor é tanto maior quanto existe a tendência para a monumentalidade na arte contemporânea. É nesse sentido uma arte não orientada para o mercado mas para os museus. O colecionador actual, cuja coleção ultrapassa a escala doméstica, deverá ter um armazém para guardar as suas obras, ou fazer um acordo com um museu que as guarda no seu acervo, tendo os museus uma importância crescente no apoio logístico ao armazenamento de peças de coleções. Por vezes os armazéns tornam-se instituições públicas, que albergam coleções que outrora eram privadas. É prática comum hoje existirem coleções de arte documental, registos daquilo que não se consegue armazenar em permanência, obras "site specific"," land art", - as belíssimas criações de luz de James Turrel **(imagem 11)**, os monumentos embalados de Christo, as instalações de Robert Long, ou a "Spiral Jetty" de Robert Smithson **(imagem 12)** - a história da arte contemporânea está cheia destas obras impossíveis de coleccionar, desmaterializadas,"obras efémeras", não transportáveis e que parecem escapar da comercialização e museificação, exceto nos casos em que apesar disso, se encontram nas galerias e depois nas coleções publicas e privadas.

E agora brevemente para terminar uma consideração sobre o que é um bom colecionador. Sendo este um terreno ingrato, porque engloba muitas variáveis, também tem várias respostas ; eu escolhi uma dita por um colecionador Flamengo, região que tem uma tradição de colecionismo que remonta ao sec XIV, onde existem mais colecionadores por m2 do que em qualquer outra parte do mundo; segundo ele "um bom colecionador é um compositor, compõe um conjunto no meio do qual obras muito diferentes entram em diálogo". A isto pode-se acrescentar, o ter audácia, juntar intuição e saber, ou não seguir modas efémeras. Mas eu achei interessante esta afirmação pois valoriza a dimensão criativa, aquela que une o colecionador ao artista, nâo sendo por acaso que vários artistas são colecionadores, aliando assim a facilidade que existe de trocarem obras entre pares.Ao longo da história há vários exemplos: se recuarmos ao sec XVII Rubens, depois Rembrandt, Degas, Rodin, mais recentemente SolLewitt, os artistas polémicos Jeff Koons, e Damien Hirst, e em Portugal **(imagem 13)** o caso da riquíssima coleção de arte africana, pré- colombiana e chinesa , do José de Guimarães hoje transformada numa Fundação com o seu nome, as colecções de Julião Sarmento e de Cabrita Reis, são apenas alguns exemplos. O próprio Picasso era colecionador de coisas que faziam parte do seu mundo, para além de uma cinquentena de obras de outros artistas, deixou 200 000 fotografias , manuscritos e estampas, bilhetes de cinema,

publicidades, etc, o mesmo acontecendo com Andy Warhol, também ele recoletor de pedaços do mundo.

"Uma boa coleção pode ser ainda aquela que tem influência ou capacidade para modificar o olhar sobre a arte, só no entanto a posterioridade nos diz verdadeiramente o seu destino".

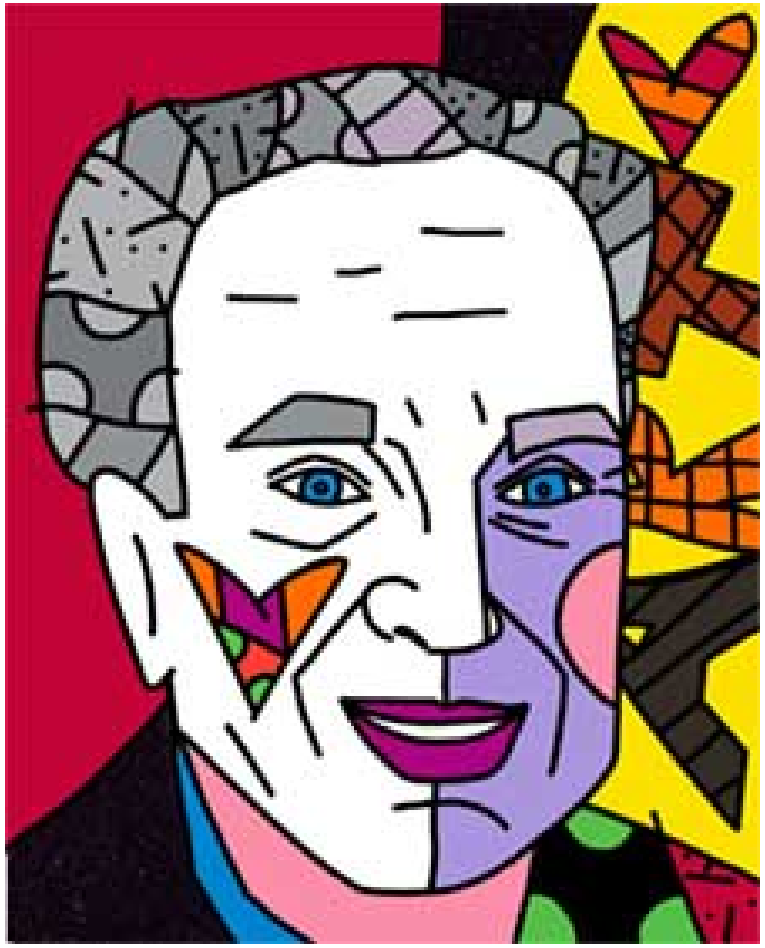
Apresentação proferida no âmbito da Conferência sobre "Colecionismo e Mercados de Arte", na Fundação Cupertino de Miranda - 8 de Novembro de 2014

Colecionismo e colecionadores, um olhar sobre a história da arte na 2ª metade do século XX

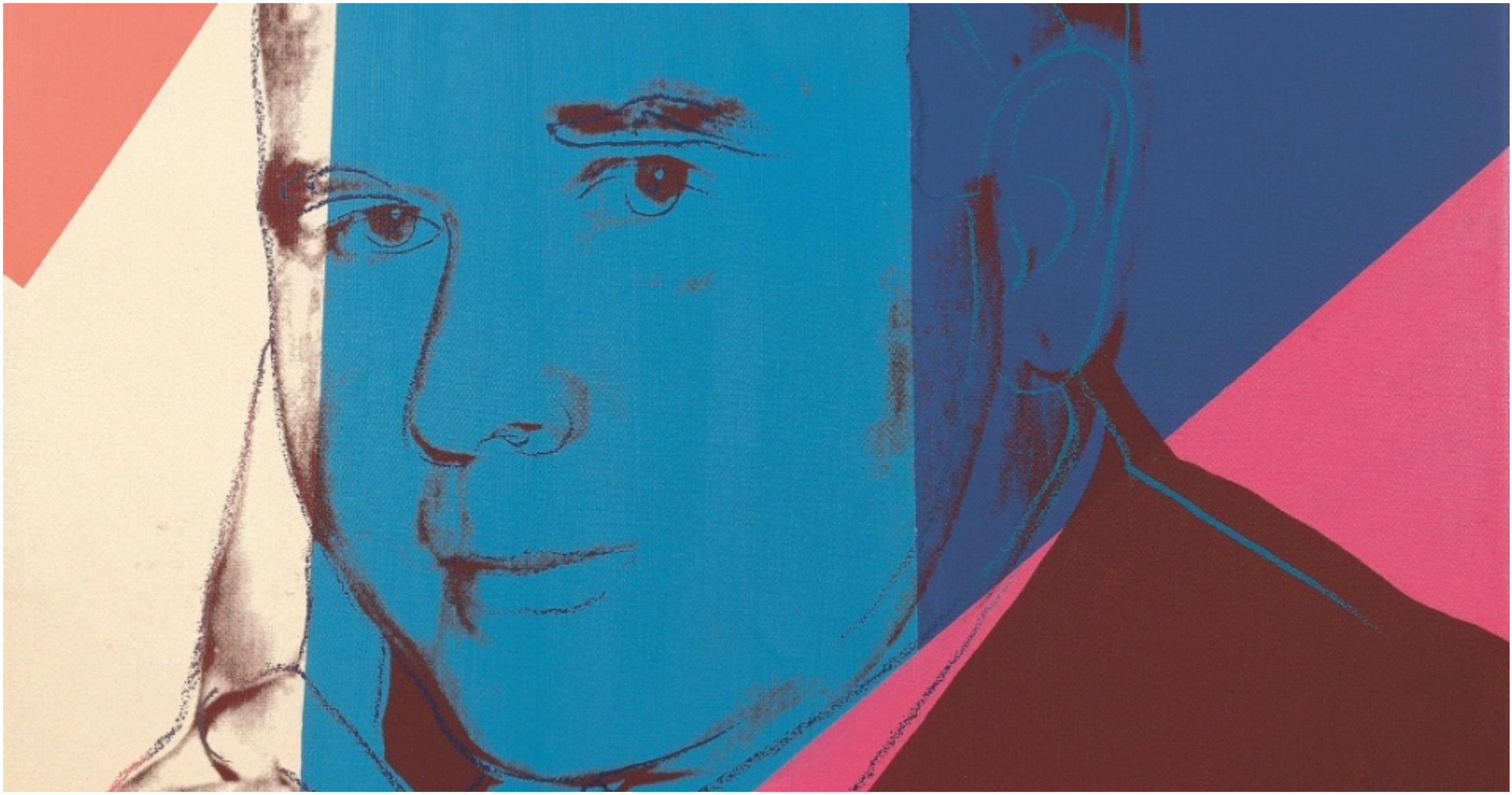
Manuela Hargreaves

Haecht, Willem van - 1628 circa, De kunstkamer van Cornelis van der Geest, Rubenshuis, Antwerpen

Peggy Guggenheim retratada por Man Ray, 1923



Beyeler retratado pelo pintor Romero Brito, com quem fez uma parceria para arrecadar fundos para um museu



Retrato de Ludwig, obra de Andy Warhol presente na exposicão Visões , da coleçao Ludwig

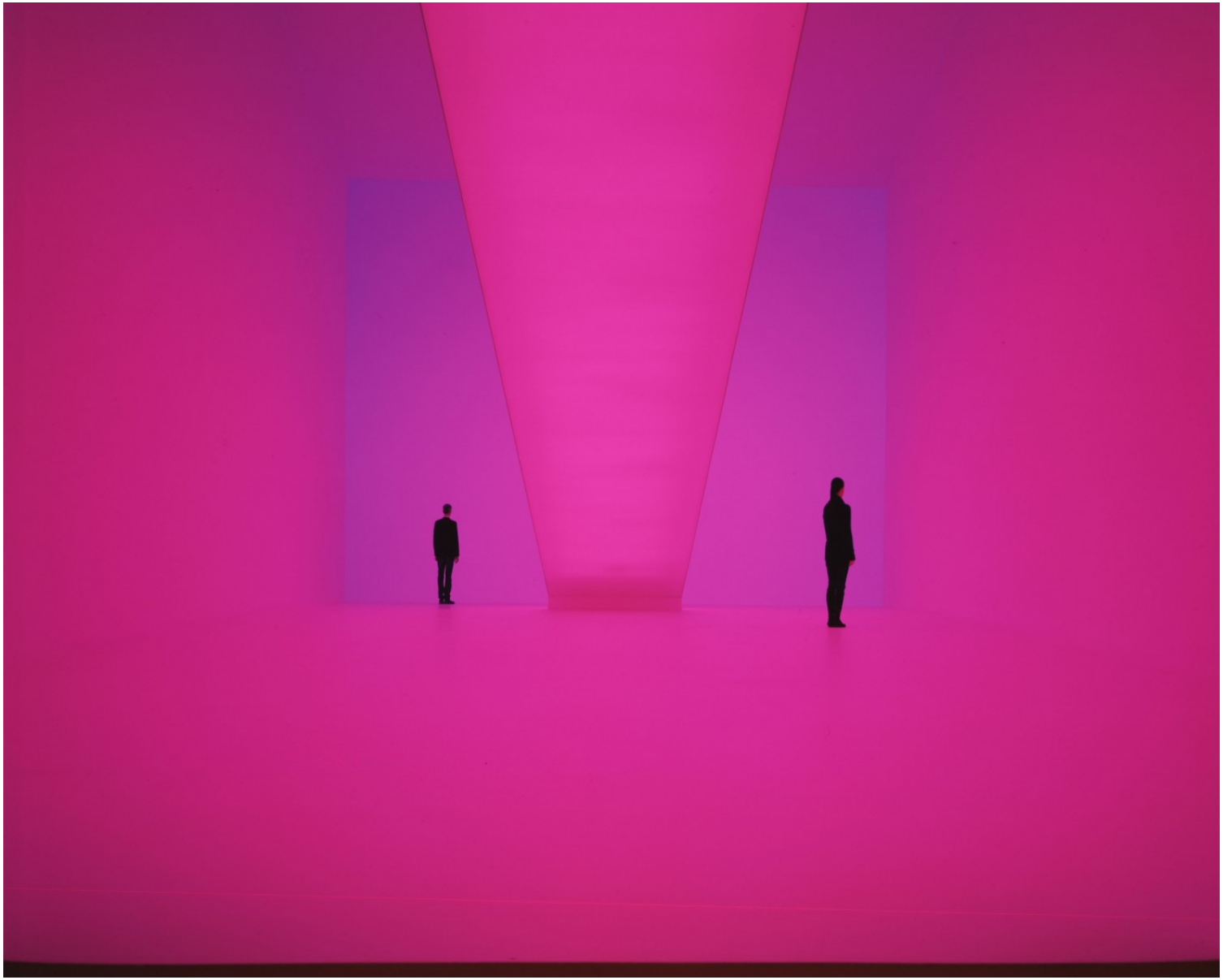
Calouste GulbenKian

Aimé Maeght e André Breton

Lurdes Castro, Sombra projectada da minha mãe, 1964

Manuel de Brito retratado por Fátima Mendonça, 2006

Jorge de Brito na cerimónia da doação do retrato de Fernando Pessoa à Câmara Municipal de Lisboa



Instalação de James Turrell: *Wolfsburg Project*
Kunstmuseum Wolfsburg, Alemanha, 24 de Outubro a 5 de Abril de 2010

Robert Smithson, Spiral Jetty, Great Salt Lake, Utah, 1970, 4,6x460m

_MASCARA, coleção José de Guimarães